



Data: 28.03.2020

Título: FAZER TRÊS VEZES MAIS TESTES

Pub: 



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;18

FAZER TRÊS VEZES MAIS TESTES P18

Área: 349cm²/ 13%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6785587



TESTES DEVIAM TRIPLICAR

Cientistas e médicos especialistas alertam para a necessidade de aumentar número de testes para 10 a 15 mil por dia. E lembram que, em breve, será preciso começar a estudar o grau de imunidade da população através de testes de anticorpos

O número de casos confirmados depende do número de testes que se realizam. Quanto mais testes forem feitos, maior a probabilidade de identificar pessoas infetadas. Quanto menos testes houver, maior o risco de se ver apenas parte da realidade. Até agora, Portugal testou cerca de 22 mil pessoas, metade das quais só nesta semana. Vários cientistas e médicos especialistas alertam para a necessidade de se fazerem muitos mais, numa altura em que, a par das medidas de contenção e distanciamento social, testar é a única forma de isolar os infetados, quebrar a transmissão e conhecer o panorama real de contágio no país.

“A realização de testes deve ser o mais abrangente possível nesta fase. E temos espaço para fazer, pelo menos, três vezes mais testes do que os realizados atualmente, o que representaria cerca de 10 a 15 mil testes diários”, defende Fausto Pinto, presidente do Conselho de Escolas Médicas Portuguesas, que faz várias recomendações, como testes de rotina a profissionais de saúde e a sua realização em massa na população. “Alguns países usaram métodos rápidos, tipo *drive-in*, que permitiram detetar em massa muitos casos assintomáticos”, acrescenta o diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Triplicar o número de testes evitaria 900 internamentos nos dez dias seguintes, concluiu um estudo da Universidade do Porto. “Portugal

deveria, sem dúvida, estar a fazer testes em maior quantidade. Países que adotaram precocemente e mantiveram essa estratégia, como a Coreia do Sul ou Noruega, têm lidado com a infeção de forma relativamente bem sucedida”, afirma Bernardo Sousa Pinto, um dos autores do estudo.

A discussão sobre o número de testes tem decorrido por toda a Europa. Espanha irá fazer entre 15 e 20 mil por dia, em França serão 29 mil, no Reino Unido 25 mil, enquanto a Bélgica fará 10 mil. Em Portugal, segundo os números apontados esta semana pelo secretário de Estado da Saúde, António Sales, a capacidade é de 8600 por dia, muito acima da média das últimas duas semanas. O problema é que o número de testes realizados não é sequer discriminado nos boletins diários da Direção-Geral da Saúde. Segundo os especialistas contactados pelo Expresso, a única forma de chegar a este valor é somar o número diário de novos casos confirmados, não confirmados e de testes a aguardar resultado. Seguindo esse critério, vê-se que o número tem oscilado muito (ver gráfico), resultando em percentagens díspares de casos positivos no total de testes. Para os próximos dias, estima-se um aumento dos números, uma vez que todas as pessoas com tosse persistente, febre acima de 38°C ou dificuldade respiratória serão testadas.

Para o epidemiologista Ma-

nuel Carmo Gomes, a generalização de testes não tem sentido. “Há muitos falsos negativos e o negativo dá uma falsa sensação de segurança.” Já o virologista Pedro Simas, investigador do Instituto de Medicina Molecular (IMM), lembra que ter testes alargados na China foi “cinco vezes mais eficaz do que qualquer outra medida”.

Testes a anticorpos

Ter um número insuficiente de testes impede um controlo eficaz do contágio. E subestimar os casos positivos pode afetar indicadores estatísticos, como a taxa de letalidade, e refletir um cenário errado. Um estudo da Universidade de Oxford tentou mostrar que é possível estar à vista apenas uma parte da realidade — a pior. “E se uma percentagem da população já tiver estado exposta ao vírus, sem o saber, porque não teve sintomas ou foram ligeiros? Neste caso, o contágio seria maior e o risco mais baixo, uma vez que a taxa de letalidade [número de mortos no total de infetados] seria menor”, diz José Lourenço, um dos autores e especialista em epidemiolo-

gia computacional.

É por isso que os cientistas alertam para a necessidade de começar a perceber o grau de imunidade de cada país. “Para já, os testes que estão a ser usados são de diagnóstico e são cruciais porque permitem saber se a pessoa está ou não infetada. Mas depois há outros testes, os serológicos, que servem para perceber se a pessoa já foi infetada e tem imunidade. Ou seja, os atuais permitem identificar casos e isolar, os serológicos servem para identificar e libertar”, aponta o virologista do IMM.

Vários laboratórios, incluindo em Portugal, estão a desenvolver estes testes, mas precisam ainda de ser afinados. Foram estes os testes que Espanha devolveu à China por serem pouco fiáveis. “Em breve, vamos precisar de avançar para quarentenas seletivas, ou seja, libertarmos as pessoas que estão imunes e resguardar as que não estão”, explica Pedro Simas. “O problema é que até lá estamos completamente às escuras.”

RAQUEL ALBUQUERQUE
com **CHRISTIANA MARTINS**
ralbuquerque@expresso.imprensa.pt

EVOLUÇÃO DIÁRIA DO NÚMERO DE TESTES

Novos casos confirmados, não confirmados e a aguardar resultado laboratorial

